

Revista Mídia e Cotidiano

ISSN: 2178-602X

Editorial

Volume 15, Número 2, maio/ago. de 2021

A imagem e seus “diálogos”: linguagens, deslizamentos, insurgências

The image and its “dialogues”: languages, instabilities, insurgencies

La imagen y sus “diálogos”: lenguajes, deslizamientos, insurgencias

Bruno LEITES¹

Denise TAVARES²

Osmar GONÇALVES³

De saída, uma questão se impôs: que possibilidades emergem quando nos instalamos na fronteira, quando escolhemos a dobra ou o limiar como morada? Desde os anos 1980, pelo menos, é sabido que vivemos sob a égide da mestiçagem, sob o signo do hibridismo e do contrabando. Raymond Bellour (1990) o definiu muito bem com sua poética das passagens e, mais recentemente, Jacques Rancière (2012) tem falado em uma estética da indistinção, no “caos das materialidades” - um regime sensível no qual a mistura e o entrelaçamento entre as artes atingiu tal estado que se tornou praticamente irreversível. E hoje, em um momento marcado como nunca antes pela dissolução das fronteiras, por intensos deslocamentos e migrações entre os campos do cinema e do audiovisual, da fotografia e das artes plásticas, a imagem se vê no centro de inúmeros processos de desestabilização, que trazem implicações múltiplas, a um só tempo,

¹ Professor adjunto do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor e pesquisador do PPG em Comunicação. E-mail: bruno.leites@ufrgs.br. ORCID: 0000-0003-1736-1382.

² Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense e professora e pesquisadora do PPG Mídia e Cotidiano. E-mail: denisetavares51@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5692-7356.

³ Professor associado do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará e professor e pesquisador do PPG em Comunicação. E-mail: osmargoncalves@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-3986-9008.

estéticas, éticas e políticas. São trilhas várias que se entrelaçam nas relações midiáticas, cotidianamente, redesenhando as sensibilidades, as estratégias de resistência, as interações sociais, enfim, os modos de ser e de estar-no-mundo.

Assim, ao propor o tema da imagem em seus múltiplos diálogos, este dossiê direcionou-se a um vasto campo de pesquisadoras e pesquisadores que, partindo de diversos campos, têm na imagem um ponto de conexão. Procurávamos trabalhos que, reconhecendo o caráter material da imagem, se propusessem a discuti-la em suas multiplicidades de sentidos, gestos, buscas e interlocuções. Não foi surpresa, portanto, notarmos a diversidade contida nos artigos recebidos: a educação, a política, o fotojornalismo, a filosofia, o tarô, o cinema – esses e outros diálogos estavam desenvolvidos nos 24 artigos aprovados para serem encaminhados à avaliação, após o *desk review* inicial que, após a travessia da avaliação duplo-cega chegou aos 8 textos que integram o dossiê temático.

Este inicia com *O dia em que os dândis tomaram chá com Jacques Rancière: as relações entre polícia e política na perspectiva das estéticas dândis*, de Dieison Marconi. Trata-se de uma abordagem singular que problematiza um tema que tem atraído autores relevantes - algo que o artigo faz questão de mencionar - oferecendo ao leitor uma trilha tensionada por um percurso teórico que articula Jacques Rancière, um dos teóricos mais acionados hoje pelos estudos da imagem, à legibilidade política das estéticas dândis. Além desse foco, Marconi também nos traz - e talvez essa seja a contribuição mais significativa de seu trabalho - outra camada interpretativa do território que desenhou, tracejando uma espécie de caminho de volta teórico, ou seja, pensarmos, com ele, o que essa estética que atravessa tempos e lugares pode abrir para repensarmos o que compõe o comum contemporâneo.

O dossiê segue com *Quando tudo se inflama: levantes, violência, imagem*, de Leandro Rodrigues Lage, que propõe uma análise, a um só tempo estética, ética e política, das imagens de violência produzidas durante as manifestações e protestos contra o racismo ocorridos em 2020. Dialogando com Didi-Huberman, Rancière e Butler, entre outros, Lage parte de uma série de fotografias para discutir, de um lado, as diferentes figurações da violência nas e pelas imagens e, de outro, a própria experiência da violência em diferentes âmbitos: a violência como motivação das insurgências, como um elemento

subjacente aos próprios gestos de sublevação e, por fim, a violência empreendida pelo Estado para sufocar os levantes. Lage nos oferece, portanto, não apenas uma certa análise dos levantes por meio de suas imagens, mas também uma crítica da violência, seguindo de perto aqui a tradição iniciada por Walter Benjamin em seu célebre ensaio *Crítica da Violência*.

Na sequência está *A dimensão aurática das imagens-sonho no tarô e nas histórias em quadrinhos – estudo das tiras de Gasoline Alley*, de Florence Dravet e Ciro Inácio Marcondes, que propõe uma aproximação entre dois tipos de imagens consideradas, a princípio, bastante distintas: cartas de tarô e quadrinhos. Partindo do conceito de razão poética (ZAMBRANO, 1996) e da ideia de um saber-movimento das imagens, criada pelo historiador da arte alemão Aby Warburg, e sistematizada, posteriormente, pelo filósofo e teórico das imagens Georges Didi-Huberman, os autores revelam que o jogo de tarô e as histórias em quadrinhos possuem uma série de afinidades eletivas, de similaridades insuspeitas, uma mesma dimensão onírica e fantasiosa, uma mesma potência aurática, desde que sejamos capazes de lê-los a partir de uma razão poética, um modo de ver e, ao mesmo tempo, de estar-no-mundo mais aberto à imaginação, à percepção intuitiva, a um saber sensível.

O próximo texto, *Imagens de um devir-animal: entre literatura e ilustração no conto “Conversa de bois”, de Guimarães Rosa*, de Gabriela Pereira de Freitas e Rhaysa Novakoski Carvalho, propõe uma reflexão sobre as relações entre literatura e ilustração, entre texto e imagem, num dos contos mais célebres de Rosa. Partindo do conceito de *entre-imagens* de Raymond Bellour (1990), normalmente pensado no contexto do cinema e da arte contemporânea, o artigo discute a tensão verbo-visual presente nos livros ilustrados, apontando para a necessidade de outros modos de leitura capazes de pensar formas cada vez mais híbridas e impuras. Outro eixo importante do texto é a discussão da noção de devir-animal presente no conto de Rosa e que as autoras problematizam a partir das noções de devir-humano e devir-boi. Seguindo a chave deleuziana, o artigo trata o modo como as fronteiras entre o humano e o não-humano podem ser tensionadas na literatura e nas outras artes, apontando as múltiplas manifestações e metamorfoses desse devir-animal no conto roseano.

Na sequência, o artigo *Deslocamentos de visibilidades hegemônicas e diálogos entre representações da cozinha no reality show “Cook Off – Duelo de Sabores”*, de Nara Lyz Cabral Scabin, de certo modo desloca o dossiê, trazendo ao primeiro plano as discussões em torno desse díptico televisivo de sucesso atual, *reality show-culinária/gastronomia*. E, ao empreender essa jornada, a autora estabelece como recorte compreender, a partir de um programa específico exibido pela TV Portuguesa, os diálogos “com/entre regimes representacionais da cozinha”. Um movimento que lhe permite identificar, na trajetória que constrói, tensões de enquadramentos e representações, destacando em “*Cook Off - Duelo de sabores*” uma brecha singular que fissura o discurso hegemônico desse tipo de *reality* temático.

No texto seguinte, *A imagem é clara? O VAR e as interpretações da imagem na Copa do Mundo da Rússia 2018*, Carlos Roberto Gaspar Teixeira e Roberto Tietzmann partem de análises esportivas utilizando o VAR para questionarem-se acerca do estatuto da imagem: o VAR permite atingir o real do acontecimento esportivo ou é apenas mais um dispositivo que renova o caráter interpretativo do olhar diante da imagem? Os autores enfrentam a questão analisando lances televisionados e debates ocorridos por ocasião do evento, montando quadros de comentários enunciados nas transmissões e recorrendo a teses de filósofos que se dedicaram ao problema da imagem, como Merleau-Ponty, Didi-Huberman e Alain Badiou, entre outros.

Em *Fotojornalismo e representações da educação: as narrativas sobre o contexto de precariedade no ensino remoto brasileiro*, Carlos Pernisa Júnior, Paulo Roberto Figueira Leal e Monique Ferreira Campos buscam analisar como a educação se insere no debate público pela via midiática. Os autores perguntam-se “quais significados foram dados às situações de precariedade relacionados ao ensino remoto emergencial no país” a partir de fotografias publicadas nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. Finalmente, destaca-se no trabalho a recorrência de dicotomias e comparações nas séries de fotografias publicadas nos jornais, o que permite aos autores problematizar a criação de identidades estereotipadas por meio de imagens jornalísticas.

E, finalmente, fechando o dossiê, *(Entre)laçamentos: a imagem e o (entre)lugar da/na Educação Estética*, de Silvia Sell Duarte Pillotto, reflete o potente diálogo que o campo da Comunicação vem estabelecendo com outras áreas, especialmente a Arte e

Educação, seja a partir de entrelaçamentos teóricos, seja a partir de questionamentos em torno da imagem, como o que propusemos nesta edição. Assim, analisando uma “imagem/obra da artista ceramista e também pesquisadora, Eliana Stamm”, o artigo apresenta resultado de pesquisa iniciada em 2018, que foi mobilizada por inquietações interdisciplinares que envolvem, em especial, a problematização em torno da formação de uma sociabilidade crítica e sensível. Trata-se de uma postura que não se nega às incertezas e subjetividades que atravessam o campo da estética, reconhecendo que este é continuamente reconstituído e instável, justamente porque atravessado por “processos de sensibilidades de si, do outro e do imprevisível mundo em que habitamos”.

Já a Seção Livre inicia com o artigo *O novo coronavírus e a longevidade da banalidade do mal*, que tem, como o título expõe, a Covid-19 como temática central. O autor, Muriel Emídio Pessoa do Amaral, se vale da cobertura noticiosa de uma manifestação contra o isolamento físico e a suspensão das atividades produtivas, para pensar em que medida tais protestos podem ser abordados na perspectiva da banalidade do mal, conforme proposto pela filósofa Hannah Arendt. Outro diálogo da comunicação com a filosofia apareceu em *Ressentimento e Eterno Retorno na série Dark*, de Marcos de Camargo Von Zuben e Stemberg José Silva Júnior. Trata-se de uma reflexão sobre como a linguagem desenvolvida na série original da Netflix, *Dark*, elabora e articula as ideias de ressentimento e eterno retorno, de Nietzsche.

Da produção para o consumo midiático, o artigo “*Transforme-se em você!*”: *corpo, narrativas e subjetividade em anúncios de cosméticos para mulheres* analisa processos de subjetivação, tomando como objeto de pesquisa uma campanha publicitária. Euler David de Siqueira e Denise da Costa Oliveira Siqueira concluem que “a suposta autonomia presente na publicidade omite o intrincado processo de interiorização de normas exteriores”. Em seguida, fechando esta seção, no artigo *Estereótipos associados à religiosidade afro-brasileira nas narrativas jornalísticas cariocas na década de 1920*, Ronivaldo Moreira de Souza e Maurício Ribeiro da Silva demonstram que a visão estereotipada das religiões afro-brasileiras, especialmente a Umbanda, remonta ao período da colonização e foi consolidada no imaginário social por meio da imprensa. Textos de jornais cariocas da segunda década do século passado associam estas religiões à loucura, à feitiçaria e ao diabólico.

Dando continuidade à edição, temos, na Seção Entrevista, a presença de Raúl Fuentes Navarro, professor e pesquisador da Universidad de Guadalajara, no México, que expõe a Antonio Carlos Souza alguns de seus pontos de vista para pensar a pesquisa em comunicação na América Latina, em meio a desafios como o corte de verbas. Sobre o impacto da pandemia nos processos comunicacionais, ele não arriscou prever quais das mudanças experimentadas até aqui realmente se estabelecerão: “Não sabemos que padrões de comportamento ou participação serão relevantes para o futuro imediato”, afirmou. Na sequência, a edição se encerra com a resenha de Diego Cotta, intitulada *Cotidianos suicidas: a construção de saberes sobre jovens negros LGBTI+ em Paulo Navasconi*. O texto enfatiza a importância da interseccionalidade na compreensão do suicídio entre jovens negros, uma trilha necessária e urgente, mas ainda sem o reconhecimento amplo que merece.

Boa leitura!

Bruno Leites, Denise Tavares e Osmar Gonçalves (Editores da Seção Temática)

Isabella Rega, Larissa Morais e Renata Tomaz (Editoras da Seção Livre)

Referências

BELLOUR, Raymond. **Entre-imagens**. Campinas/SP: Papyrus, 1990.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ZAMBRANO, M. **Filosofia y poesia**. Cidade do México: FCE, 1996.